

**ENSINO-APRENDIZAGEM EM ANTROPOLOGIA COM CRIANÇAS:
UMA PROPOSTA DE SENSIBILIZAÇÃO CRÍTICA PARA A DIFERENÇA**

***Teaching and learning anthropology with children:
A proposal for critical sensibilization of the difference***

Valéria de Paula Martins
Professora adjunta de Antropologia na Universidade Federal de Uberlândia
E-mail: valeriacpmartins@gmail.com

Áltera, João Pessoa, v.2, n.13, p. 349-377, jul./dez. 2021

ISSN 2447-9837

RESUMO:

Neste relato, trato do projeto de extensão “Antropologia com crianças”, realizado no âmbito da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e delineado a partir de oficinas de antropologia ministradas desde 2014 com crianças entre 7 e 12 anos de famílias de baixa renda. No texto, discorro sobre os principais eixos temáticos e conceituais do projeto, e ainda sobre o que, a meu ver, foi possível realizar a partir dele. Por fim, apresento os novos rumos que ele passa a tomar. Ao tratar do projeto, busco enfatizar a tentativa de – em um dos rincões do Brasil e de forma a estimular múltiplas sensibilidades – expandir as discussões antropológicas para além do ambiente acadêmico, tornando-as acessíveis e mais amplamente conhecidas, assim como a própria área de antropologia. Outro anseio é o de contribuir com a formação docente na área a partir da atuação de estudantes no projeto.

PALAVRAS-CHAVE:

Antropologia. Crianças. Ensino-aprendizagem. Extensão.

ABSTRACT:

In this report, I deal with the extension project “Anthropology with children”, carried out within the Universidade Federal de Uberlândia (UFU) and outlined from anthropology workshops since 2014 with children between 7 and 12 years old from low-income families. In the text, I discuss the main thematic and conceptual axes of the project, and also about what, in my view, it was possible to accomplish from it. Finally, I present the new directions that the project is taking. In dealing with the project, I seek to emphasize the attempt to – in one of the corners of Brazil and in order to stimulate multiple sensitivities – expand anthropological discussions beyond the academic environment, making them accessible and more widely known. I also intend to contribute to teacher training in the field, based on the performance of students within the project.

KEYWORDS:

Anthropology. Children. Teaching-learning. Extension.



Hoje percebo que, enquanto eu estudava antropologia na pós-graduação da Universidade de Brasília, minha vida praticamente se resumia aos meandros dessa formação e área de conhecimento, em um mundo de experiências que contava, em seu delineamento, com outras pessoas que eram, quase todas, antropólogas¹.

Assim, quando cheguei à minha terra natal, no interior de Minas Gerais, no período final de escrita da tese, fui percebendo com certo assombro o fato de eu ser a única antropóloga que eu mesma conhecia nessas paragens.

Além da usual solidão no processo de escrita de uma tese, eu me deparava com a situação de não ter, no raio de, pelo menos, quatrocentos quilômetros, alguém que compartilhasse comigo a formação acadêmica – e o que pode advir com ela.

Não tenho certeza se foi exatamente isso, ou só isso, o que me motivou, alguns meses depois da defesa da tese, a imaginar uma formação em antropologia com crianças – buscando, quem sabe, interlocutores com quem eu pudesse conversar um pouco sobre questões consideradas relevantes em discussões antropológicas.

Talvez, naquela época, eu já estivesse começando a sentir uma certa saudade da antropologia, ou daquele mundo em que eu vivia no período da pós-graduação, povoado por tantos coletivos, lugares ao redor do planeta, conceitos, noções, debates...

Eu também já considerava importante e mesmo necessário compartilhar as discussões que costumamos fazer nos nossos mundos acadêmicos com pessoas que habitam outros mundos de experiência. Tendo em vista a área de Antropologia e, mais recentemente, o difícil momento político que estamos vivendo, penso ser ainda mais relevante tratar amplamente de questões como diversidade, (re)conhecimento e respeito em relação à diferença e alteridade.

Ao considerar aquelas com quem eu pretendia trabalhar, as crianças, eu almejava construir com elas, em suma, um trabalho de sensibilização crítica para a diferença e, quem sabe, contribuir para a formação de pessoas que lidassem de forma mais ética com a enorme diversidade de modos de vida, relações, conceitos, a partir de tantos e variados coletivos que ocupam diferentes pedaços de chão – e ar, mar, águas e florestas – deste planeta.

¹ Quero registrar meus agradecimentos, pela leitura cuidadosa do texto e comentários, a Fabiola Nogueira da Gama Cardoso e Tiago Eli de Lima Passos, além dos pareceristas da revista, ressaltando, de todo modo, minha responsabilidade integral em relação ao que é aqui apresentado.



Havia ainda outro elemento na escolha por atuar com crianças: eu já havia trabalhado com elas a partir de oficinas de vídeo e rádio durante alguns anos² e depois, a partir da assessoria a um programa voltado ao (re)conhecimento de brinquedos e brincadeiras tradicionais no alto, médio e baixo Jequitinhonha³. Assim, já tinha alguma familiaridade com esses sujeitos, reconhecendo ricas possibilidades de atuar profissionalmente com crianças e de construir, com elas, variados tipos de conhecimento – inclusive o antropológico.

Observando retroativamente, penso que a articulação de todos esses elementos contribuiu para que, cerca de seis meses após a defesa da tese de doutorado, com o planejamento de uma oficina de antropologia em mãos, eu iniciasse um percurso em busca de uma instituição – organização não governamental, associação comunitária, centro cultural, etc. – que pudesse receber, sem custo algum, o trabalho.

“Oficina de quê?”, respondiam-me em quase todos os telefonemas. Sim, em geral não se sabia – como, com exceções, ainda não se sabe – o que é antropologia por aqui⁴.

Enfim, as oficinas de antropologia com crianças tiveram início no mês de agosto do ano de 2014, em uma biblioteca associada à prefeitura municipal e, na época, também ao Sesi, localizada na região norte da cidade de Uberlândia, em Minas Gerais⁵. A coordenadora do espaço, Maria Abadia de Araújo, havia achado interessante o que eu falara sobre a antropologia, no telefonema, e colocou o espaço à disposição.

No final daquele ano eu estava com um projeto de oficinas de antropologia com crianças aprovado na Lei Municipal de Cultura, para ser desenvolvido em 2015, e

² O trabalho se deu a partir da Associação Imagem Comunitária (AIC), organização não governamental com sede em Belo Horizonte, Minas Gerais, que atua desde 1997 com variados coletivos, instituições culturais e movimentos juvenis pelo acesso público aos meios de comunicação, educação midiática e produção em mídias comunitárias, sempre de forma colaborativa.

³ Tratava-se do programa Casinhas de Cultura, desenvolvido pela organização não governamental internacional Fundo para Crianças, implementado então em 32 comunidades rurais ou pequenas cidades na região.

⁴ Imagino que o fato de a antropologia não estar presente – nominalmente, explicitamente – em especial no ensino médio tem enorme impacto para seu relativo desconhecimento nos rincões do Brasil. Mesmo na universidade em que atuo, muitos dos estudantes que chegam, inclusive para cursar Ciências Sociais, não sabem bem do que se trata.

⁵ O município mineiro de Uberlândia fica localizado na porção oeste do estado, e conta com 699.097 habitantes (IBGE 2020) em uma área de 4.115,206 km² (IBGE 2018).



que incluía também uma atuação com educadores da rede pública de ensino. Contudo, também naquele período, deu-se um concurso na Universidade Federal de Uberlândia com vaga para antropóloga, e no início de 2015 ingressei então como docente na universidade, não desenvolvendo o projeto pela Lei Municipal de Cultura, já que passei a atuar em regime de dedicação exclusiva.

Nos dois primeiros anos de docência, enquanto aprendia a ser professora, eu seguia fazendo experimentações com crianças mais próximas – meus sobrinhos e sobrinhas, por exemplo – com alguns materiais que ia adquirindo ou acessando. Em 2017, já acompanhada por três estudantes da graduação em Ciências Sociais, retomei as oficinas na biblioteca; no ano seguinte, elas foram configuradas como um projeto de extensão que permanece em vigor, com algumas transformações e novas perspectivas, como abordarei à frente.

Até o momento foram realizadas quinze oficinas com 200 participantes ao todo. Essas oficinas têm se dado em instituições diversas que trabalham com crianças de famílias de baixa renda, e atualmente são ministradas conjuntamente por mim e por estudantes graduandos da Universidade Federal de Uberlândia – exceto no ano de 2014, quando as ministrei só. A partir do projeto de extensão, as oficinas contam com frequência mensal, enquanto eu as ministrava semanalmente antes de iniciar a docência na universidade. O projeto não conta com financiamento, mas recebe apoio relativo a transporte e divulgação por parte do Instituto de Ciências Sociais e Universidade Federal de Uberlândia.

Aqui, ao iniciar este relato de experiências, ainda não tenho certeza sobre o que priorizar para compartilhar um pouco dos seis anos que se passaram desde os primeiros contatos que tive com as crianças a partir do ensino-aprendizagem em antropologia. Imagino (imaginem...) este texto como um momento de contação de histórias. Assim, convido a se sentarem ou deitarem confortavelmente na superfície que lhes aprouver, como algumas almofadas, uma poltrona, uma rede, um pedacinho de grama, um cantinho de terra debaixo de uma árvore..., e virem comigo para esse lugar de muitos encontros entre várias crianças, uma antropóloga, estudantes de Ciências Sociais, e muitos coletivos, lugares ao redor do planeta, conceitos, noções, debates...

Para facilitar a organização e apresentação de ideias, o texto está disposto em



torno de quatro principais referências, a serem tratadas em sequência: a primeira, voltada àquilo que se pretende por meio deste projeto de extensão, ou nossos objetivos e expectativas; a segunda, associada mais diretamente ao que constitui as oficinas em termos de questões, noções e temáticas; a terceira, a partir da qual buscamos perceber o que pôde ser construído em termos de conhecimentos antropológicos – mas não só deles; e enfim a quarta, direcionada aos novos rumos do projeto.

Vocês já brincaram de Amarelinha?

NOSSO HORIZONTE-META, COMO O CÉU NA BRINCADEIRA DA AMARELINHA

Desde os primeiros esboços que tracei em relação a uma oficina de antropologia com crianças, eu imaginava acionar materiais e dispositivos com fins didáticos e pedagógicos que pudessem estimulá-las sensivelmente: exibição de fotografias, filmes, elaboração de desenhos, apreciação de falas e músicas em línguas diversas, realização de brincadeiras e jogos coletivos, rodas de conversa, etc.

Desde o início, então, a lida com a alteridade se daria a partir do estímulo de sentidos e percepções por meio de cores, sons, imagens, movimentos: um processo de sensibilização para a diferença que, é possível dizer, constitui o principal objetivo do projeto.

A ideia de sensibilizar para a diferença está associada à consideração de que a construção do conhecimento se dá não a partir da transmissão de representações, mas sim a partir de um processo de educação da atenção (INGOLD, 2010). Nesse sentido, a proposição das oficinas situa-se em torno da construção de habilidades associadas ao ouvir, sentir, olhar, perceber e agir, ao lidar-se com a alteridade e a diferença, a partir da criação de contextos ambientais em que o processo de ensino-aprendizagem se realiza.

Tendo em vista a especificidade da antropologia no sentido de nos convocar, como pesquisadoras, a um engajamento em campo a partir das relações com nossas interlocutoras e interlocutores e tudo o mais que povoa seus mundos de experiência



– movimentos, sons, cores, imagens –, em um processo que podemos tomar como de educação da atenção, considero importante que esse primeiro contato formal das crianças com a antropologia também passe por essa experiência de sentidos.

Essa convocação dos sentidos e da presença plena das crianças figura também como um modo de convidá-las a criar conosco esses ambientes em que o que está associado ao Outro seja tão legítimo quanto o que está associado a si mesmo. A intenção é ressaltar que a lida com a diferença, ou a sensibilização para a diferença, inclui não só perceber o Outro como diferente de si, mas a si mesmo como diferente do Outro. Nessa criação conjunta, as crianças estão atuando como sujeitos plenos que são – apesar do histórico de desconsideração delas como tal (COHN, 2005) –, e não como meros receptores passivos de informações, e podem perceber a si mesmas enquanto lidam com a alteridade⁶. Considerando, como apontado acima, a feitura da etnografia como um processo de educação da atenção e o desejo de, de certa forma, replicar esse fazer no âmbito das oficinas, a ideia é que as crianças possam, ao mirar o Outro, perceber-se no olhar do Outro que as mira também, o que evoca relações entre sujeitos em campo.

Aqui, então, a expectativa é que as crianças atuem como nossas parceiras no desenvolvimento das oficinas, reconhecendo-se como sujeitos plenos, assim como os próprios mundos delineados por suas concepções e percepções, ao mesmo tempo em que reconhecem o Outro e seus mundos de experiência também como legítimos. Em outros termos, o convite é para que se leve a sério o Outro (VIVEIROS DE CASTRO, 2002) e a si mesmo (sem deixar de se estranhar...).

Um elemento importante a ser ressaltado é que, nesse processo, o objetivo é estimular a percepção crítica de que as relações humanas (e não humanas) são construídas socialmente, e não algo dado. Dessa forma, há uma provocação no sentido do delineamento de pontos de vista críticos a partir dos quais possam ser consideradas uma série de temáticas caras à antropologia, tais como relações de gênero, étnico-raciais, trabalho, questões ambientais, etc. Ou seja, a busca é por uma sensibilização crítica para a diferença.

⁶ Para uma discussão sobre a associação das crianças com os chamados “primitivos”, nos primórdios da antropologia, ver por exemplo o livro de Guilherme Fians (2015) produzido a partir de etnografia com crianças em uma escola infantil carioca.



Outro ponto importante a ser considerado em termos de intento das oficinas é a formação docente de estudantes que atuam como monitoras e monitores no projeto⁷. E aqui ressalto: formação docente em antropologia, pois penso que o fato de a antropologia estar lamentavelmente fora, em termos formais, de toda a Educação Básica impacta negativamente a formação desses estudantes enquanto docentes de antropologia, já que a licenciatura nos cursos de graduação em Ciências Sociais está comumente associada à sociologia – mesmo que se preveja, no componente curricular denominado “Sociologia” que integra o ensino médio, conteúdos associados à Antropologia e à Ciência Política, associação que nem sempre, e infelizmente, fica explícita⁸.

Assim, em todo o processo de realização das oficinas, desde o planejamento a partir de encontros de reflexão e avaliação, passando por produção de materiais, e os próprios encontros com as crianças, os/as estudantes graduandos/as são convidados/as a atuar de forma propositiva e engajada em um processo de ensino-aprendizagem que envolve a todas nós. Também considerando o processo de formação docente em antropologia – com as necessárias reflexões a ele associadas –, e ainda com vistas a contribuir com a bibliografia sobre processos de ensino-aprendizagem em antropologia, não muito farta (ver, entre outros, GROSSI; TASSINARI; RIAL, 2006; OLIVEIRA; BRUM, 2015; GAMA; FLEISCHER, 2016; TAVARES; GUEDES; CAROSO, 2010; GAMA; KUSCHNIR, 2014; HARTMANN, 2018⁹), redigimos recentemente um artigo sobre a

⁷ O projeto conta hoje com duas monitoras estudantes de graduação, que iniciaram o trabalho em agosto de 2020, e ao longo do tempo teve mais cinco estudantes em seu quadro. Atualmente estão conosco Vitória Brasileira e Halina Brandão. Atuaram também como monitoras as estudantes Amanda Ramos, Júlia Furtado de Almeida, Maria Luiza Araújo e Pamela Caetano, além do monitor Luís Augusto Meinberg Garcia. Desses sete, seis são do curso de Ciências Sociais e uma da graduação em Artes Visuais, bastante interessada em antropologia.

⁸ Vale ressaltar que, do meu ponto de vista, é extremamente importante que a antropologia esteja oficialmente presente em toda a Educação Básica, o que pode se dar por meio de ajustes no componente curricular atualmente denominado “Sociologia”, inclusive alterando sua nomenclatura para “Ciências Sociais”, e também criando componente específico de antropologia desde a Educação Infantil. De qualquer forma, considero relevante que docentes e pesquisadoras da área de antropologia atuem na licenciatura e ainda em programas atualmente em vigor, como o PIBID e Residência Pedagógica, de forma a enfatizar discussões e temáticas de caráter antropológico com estudantes de Ciências Sociais em formação docente. De todo modo, é importante que ressaltemos a abrangência do componente curricular mencionado (nesse sentido, por exemplo, alteramos recentemente aqui na Universidade Federal de Uberlândia a nomenclatura do antigo Laboratório de Ensino em Sociologia para Laboratório de Ensino em Ciências Sociais).

⁹ O projeto desenvolvido entre 2014 e 2016 pela antropóloga Luciana Hartmann e pelo antropólogo



experiência das oficinas de antropologia com crianças¹⁰.

Por fim, por considerar pertinentes, relevantes e mesmo necessárias tantas discussões propostas pela antropologia, um último anseio do projeto de extensão é dar a conhecer tanto essa área de conhecimento quanto as principais questões, conceitos, temáticas e discussões que ela apresenta e leva a cabo. Se quando cheguei aqui, a única antropóloga que eu conhecia era eu mesma, hoje esse número subiu (pasmem!) para cinco pessoas – colegas de trabalho, em um conjunto de vinte e cinco docentes.

Considero, assim, de fato necessário focalizar a área, ressaltando seus modos de proceder, refletir e atuar. Isso a meu ver passou a estar ainda mais presente no projeto a partir da construção de um sítio eletrônico e da formação em antropologia de educadores infantis na cidade, como veremos na quarta seção deste artigo.

Levando em conta a importância do diálogo próximo entre comunidades acadêmicas e não acadêmicas, e considerando tantos contextos semelhantes ao que descrevo e que se delineiam em outros rincões do Brasil¹¹, penso que a divulgação da existência da antropologia – e do que ela propõe, discute e realiza – é de fato tarefa premente daquelas e daqueles que se importam com democratização e troca de conhecimentos e ainda com questões como diversidade e respeito à diferença e à alteridade.

O QUE OS PÉS TOCAM AO SALTAR A AMARELINHA: TEMÁTICAS, QUESTÕES E NOÇÕES EM DEBATE NAS OFICINAS COM AS CRIANÇAS

Nesta seção, ao tratar de conceitualizações e temáticas presentes nas oficinas, trato ao mesmo tempo de aspectos metodológicos e didático-pedagógicos norteadores desse processo de ensino-aprendizagem, apresentando ainda alguns dos materiais acionados.

Guilherme Sá – “Pequenas Antropologias: uma proposta colaborativa de formação de educadores para o trabalho com a diversidade cultural no Ensino Fundamental” – constitui-se mais exatamente como uma “pesquisa etnográfico-propositiva” (Hartmann, 2017) voltada a subsidiar a atuação de educadores a partir da questão da diversidade. Por esse foco e pelo caráter propositivo, incluo-o aqui.

¹⁰ O texto “Oficinas de antropologia com crianças: notas sobre uma experiência” está sob análise em um periódico da área.

¹¹ Ver, por exemplo, o dossiê “Novas universidades, novos campi, novas antropologias: docências, alteridades e expansão do Ensino Superior no Brasil” (LEAL; SANABRIA; CARIAGA, 2021) e a série de experiências docentes em antropologia que ele apresenta a partir de diferentes localidades no país.



Uma preocupação que sempre orientou o projeto é que ele pudesse expandir, por assim dizer, o repertório de referências das crianças em inúmeros registros – linguístico, poético, político, entre outros –, e que ao mesmo tempo elas pudessem se localizar minimamente em meio a algumas dessas referências – por exemplo, em termos étnico-raciais, de classe, procedência regional, etc. Esse intuito se mostra ainda mais relevante considerando que trabalhamos com crianças provenientes de famílias de baixa renda, já assoladas por desigualdades sociais, o que está diretamente associado à dificuldade dessas crianças e famílias de acesso e fruição relativos a educação, saúde, arte e demais direitos sociais condicionantes de uma cidadania plena.

Tendo em vista o estímulo do interesse das crianças, e considerando os materiais acionados nas oficinas – livros, fotografias, músicas, áudios, filmes, desenhos –, busquei especialmente produções que focalizem crianças e/ou estejam voltadas a elas enquanto público, mesmo que alguns dos materiais não se enquadrem nesses quesitos (como o CD *Encomendadeiras de Correntina: A arte no canto de encomendar as almas*, ou tangos argentinos, por exemplo).

Pensando em termos de temáticas, e considerando ao mesmo tempo a expansão de referências e a autopercepção, um primeiro conjunto de produções e discussões está voltado a ações e vivências mais cotidianas de crianças (e/ou adultos) ao redor do mundo, relativas, por exemplo, a brinquedos e brincadeiras; educação/modos de ensino-aprendizagem/escolas; moradia/habitação (na água ou no ar; casas de taipa, gelo, ou palafita...); vestimentas/adornos; alimentação (o que e como se come? Algumas tradições alimentares); linguagens e criações artísticas (o que e como se fala? Canta, dança?).

Em relação a alguns desses registros, como o da alimentação e o das vestimentas/adornos, por exemplo, encontrei alguns materiais (especialmente fotografias) que, em alguma medida, podem ser vistos a partir do exotismo, já que exibem, por exemplo, pessoas degustando escorpiões, ou mulheres (e crianças) com anéis no pescoço que são capazes de alongá-los alguns bons centímetros.

A presença desses materiais nas oficinas remonta ao apontamento de Peirano (2006) acerca do ensino de antropologia e do exotismo como via de acesso à alteridade, sem que nos esqueçamos, de todo modo, da proposição já mencionada referente



à autopercepção na lida com a diferença. Buscamos, assim, instigar que as crianças se aproximem de algumas posturas, operações e noções bastante prezadas pela antropologia, tais como a “horizontalidade das práticas humanas” e a importância de se “reconhecer a racionalidade do outro” (PEIRANO, 2006, p. 81); com isso, idealizando uma espécie de rito de iniciação à própria área (MARTINS et al, s.d.).

Esse primeiro conjunto de discussões, associado a múltiplos aspectos da vida cotidiana, corresponde a um dos seis eixos temáticos que configuram o delineamento atual das oficinas. Ao longo do tempo, deram-se algumas transformações, incluindo o modo como atuamos (no caso, eu e estudantes monitoras e monitores): por um período, as oficinas contavam com a realização de brincadeiras e com momentos em que toda a equipe atuava junto; depois, optamos por, de certa forma, retomar a configuração inicial, quando eu as ministrava sozinha, criando eixos a partir dos quais cada um de nós trabalha diretamente com um número menor de crianças. A “retomada” também ocorre no sentido de propormos às instituições que recebem as oficinas a realização de pelo menos dois, mas idealmente três encontros (como se dava no início do projeto). Como são seis as temáticas, e as crianças participam de dois pequenos grupos em um dia de oficina, cada um tratando de uma temática, com três dias de oficina elas podem estar presentes nas discussões de todos os seis eixos temáticos.

Em termos pedagógicos, o trabalho se dá, em todos esses eixos temáticos, a partir de jogos coletivos, rodas de conversa, adivinhações, sorteios de elementos de jogos, com atenção, de modo geral, à ludicidade e à possibilidade de os rumos do encontro serem traçados por todos que dele participam.

No caso do eixo temático citado acima, a diversidade de formas de se viver/comer/dormir/festejar/estudar/etc. é tratada a partir de variados materiais, como um livro que narra o cotidiano de diferentes crianças em várias partes do mundo (*Crianças do mundo*, de Adèle Ciboul, 2007). Além de fotografias e filmes, também usamos áudios com falas de pessoas de diversas nacionalidades, para que as crianças busquem perceber que línguas são aquelas, em uma espécie de jogo de adivinhação.

Outro eixo temático que ressalta a pluralidade de configurações a partir de variados coletivos e pessoas é focado nas religiosidades, destacando oito delas: Bu-



dismo, Judaísmo, Espiritismo, Islamismo, Candomblé, Protestantismo, Catolicismo e Rastafari. Além de conversar sobre suas próprias percepções e/ou vivências nessa seara, o grupo também trata das religiões citadas, que inspiram um jogo da memória formado por pares de cartas relativos a cada uma delas¹².

No eixo temático voltado a discussões que articulam gênero e trabalho, as crianças tomam contato com histórias de pessoas que colocam em xeque estereótipos: exemplos de histórias utilizadas são as mulheres da Vila das Mulheres Pedreiras; do bailarino Rui Moreira; da jogadora de futebol Marta Silva; e do estilista Ronaldo Fraga. No encontro, uma das histórias é sorteada para ser conhecida no dia, narrando-se as trajetórias dessas pessoas, suas dificuldades e conquistas. Com a elaboração de um desenho pelas crianças a partir da história sorteada, o grupo conversa sobre o tema. As relações de gênero e estereótipos associados também já inspiraram a realização de outra atividade a partir de brinquedos e brincadeiras: ao dispormos uma série de brinquedos no espaço – como baliza¹³, elástico, escravos de Jó, carros, bonecas, bolas de gude¹⁴, panelinhas, bola de futebol –, convidamos as crianças a brincarem do que quiserem, trocando os brinquedos entre si após certo tempo; em seguida, conversamos sobre as escolhas e os estereótipos de gênero comumente associados a certos brinquedos e brincadeiras.

A ideia de cidadania é destacada em um eixo temático que traz discussões e vivências relativas aos direitos e deveres das crianças, tal como instituído pelo ECA, o Estatuto da Criança e do Adolescente. A partir de uma adaptação do jogo de tabuleiro “Jogo da Vida” e do sorteio de imagens de crianças em situações diversas, tais como cuidando de uma árvore, jogando lixo no cesto para ser reciclado ou em situação de trabalho, os participantes conversam e refletem sobre as cenas, sendo instigados ao mesmo tempo a relacioná-las à própria experiência.

Ao tratar de relações étnico-raciais, o grupo trabalha com bonecos de papel

¹² Os materiais relativos aos eixos religiosidades e também gênero e trabalho, cidadania e relações étnico-raciais, que veremos a seguir, foram produzidos ou adaptados para o trabalho nos grupos, pelos então monitores Luís Augusto Meinberg Garcia, Maria Luiza Araújo, Amanda Ramos e Júlia Furtado de Almeida, respectivamente.

¹³ Baliza também recebe os nomes, dependendo da região, de Cinco Marias, Três Marias, Jogo das Pedrinhas, etc.

¹⁴ Também conhecida como China ou Biloca.



montáveis: as crianças criam seus próprios bonecos ao escolherem tom de pele, diferentes biotipos, cabelos, cor de olho, etc., para, em seguida, conversar sobre as montagens a partir das ideias de diversidade étnico-racial, preconceito racial e padrões de beleza hegemônicos e excludentes. Outra atividade já realizada nesse tópico é a disposição de um mapa do Brasil e a fixação nele, pelas crianças, de figurinhas de pessoas negras, brancas, indígenas, proporcionalmente aos números que vigoram no país, explicitando a diversidade étnico-racial no Brasil e a partir daí conversando também sobre a ideia de representatividade.

No eixo temático voltado à questão ambiental, são ressaltadas noções como consumismo e biointeração (BISPO DOS SANTOS, 2015) a partir de discussão acerca dos diferentes modos com que grupos diversos – como quilombolas, povos indígenas e outras populações tradicionais – lidam com o que chamamos comumente de natureza. A partir de alguns filmes e animações, evocam-se ainda debates sobre ruralidades e urbanidades, buscando instigar reflexões sobre preconceitos e hierarquizações, pelo senso comum, entre ambas.

Mesmo com materiais produzidos especialmente para o trabalho a partir dos eixos temáticos, procuramos não nos restringir a eles, incluindo, conforme a discussão, outros, como livros, fotografias e filmes. Em relação aos próprios eixos faço a mesma consideração: eles formam o desenho atual das oficinas, e figuram como um importante referencial, mas não devem ser mais que isso, de modo que as oficinas possam continuar se transformando ao longo do tempo na medida em que permanecem vigorosas.

Ainda em relação a materiais e recursos mobilizados, também mapas estão presentes, como já mencionei, e são acionados inclusive em uma apresentação inicial nossa e das crianças, localizando em cidades, estados, país e continente onde é que nascemos, de onde são nossos pais e/ou nossa família, no caso de terem vindo de outro lugar. A partir daí começamos a tratar tanto dessas noções geográficas como a questionar se todos, nesses lugares, viveriam da mesma forma, evocando também, a partir das falas, noções como diversidade, singularidade e equidade.

A elaboração de desenhos (muitos deles com textos) por parte das crianças – e nossa também, enquanto elas desenham – ainda se faz presente, embora fosse



mais marcada no início do projeto¹⁵. Em geral, elas são convidadas ao desenho a partir do compartilhamento de material específico ou discussão suscitada, por exemplo, pela audiência de pequenos filmes ou músicas, e os elaboram individualmente ou em grupo, conforme a preferência. De todo modo, como em muitos trabalhos de antropólogas que lidam com crianças (ver, por exemplo, TOREN, 1990; REGITANO; TOREN, 2019; PIRES, 2007), e que comumente recorrem aos desenhos, também nos interessa conhecer, por meio das formas, traços e cores delas, suas ideias sobre o que estamos abordando (MARTINS et al, s.d.). Como ressalta Toren, o desenho pode figurar nas pesquisas como um modo de “descobrir o que as crianças sabem sobre o mundo em que vivem”, mostrando as ideias delas “sobre o jeito que as coisas são” (in REGITANO; TOREN, 2019, p. 296).

DESDE A TERRA, NA BRINCADEIRA DA AMARELINHA: PERCURSOS TRAÇADOS

Como mencionado anteriormente, por meio do projeto de extensão Antropologia com crianças, realizamos até agora quinze oficinas, trabalhando ao todo com aproximadamente duzentas crianças. Buscamos instituições que lidam com crianças de famílias de baixa renda, e temos realizado as oficinas em espaços variados, como biblioteca pública, escola municipal e sedes de diferentes organizações não governamentais que atuam na cidade¹⁶.

Apesar de estabelecermos a faixa etária das crianças entre 7 e 12 anos de idade, muitas vezes, ao chegarmos nesses lugares, encontramos crianças com menos de 7 e outras com mais de 12 anos. De toda forma, realizamos as oficinas com elas, e com frequência, isso demandou algum ajuste, especialmente no que tange aos materiais

¹⁵ Na ocasião, tínhamos alguns encontros com a mesma turma e realizávamos, ao final da série, uma exposição em que os desenhos elaborados no decorrer daquele período eram dependurados em uma espécie de varal e, então, convidávamos outras pessoas (como pais, mães, amigas, amigos e as próprias funcionárias da biblioteca) a apreciarem as produções.

¹⁶ Como, por exemplo, a EmCantar, que desenvolve projetos associados às artes e a questões ambientais com crianças e adolescentes entre 6 e 16 anos (<https://www.emcantar.org/projetossociais>); e a Ação Moradia, com programas vinculados a diferentes Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, como a agricultura sustentável, a educação de qualidade e a igualdade de gênero (<http://beta.acaomoradia.org.br/>). Na realização das oficinas, buscamos observar a diversidade de bairros e regiões da cidade onde se localizam as instituições, mesmo que todas lidem com crianças de famílias de baixa renda que, majoritariamente, são estudantes de escolas públicas.



acionados, sem maiores comprometimentos à dinâmica dos encontros.

Considerando o projeto ao longo do tempo, no início não havia uma avaliação formal dele pelas crianças. Foi mais recentemente que passamos a realizar uma breve conversa avaliativa ao final do encontro, registrada em áudio, e baseada em três perguntas: i) O que você achou da oficina? ii) Algo, na oficina, te chamou mais atenção? iii) Você acha que algo poderia ser diferente (na oficina)? Além de perguntar o nome completo da criança, idade e bairro onde mora, perguntamos, ao final, se ela gostaria de comentar ou acrescentar algo que não havíamos perguntado.

Não realizar essa breve avaliação e registro desde o início fez com que não tenhamos nomes completos de várias crianças com quem trabalhamos inicialmente, ou mesmo o nome delas registrado em alguns desenhos. Considero que tem impacto nisso o fato de o projeto ter se iniciado, de algum modo, despretensiosamente, sem a preocupação ou a atenção para a dimensão de pesquisa que o ensino possui.

De todo modo, mesmo sem o registro de falas ou percepções de todas as crianças, levo em conta minhas observações – inclusive de seus olhares, gestos e palavras – ao longo do desenvolvimento do projeto, para fazer algumas considerações acerca do que foi possível realizar por meio dele. Também compartilho aqui algumas falas e desenhos das crianças, além de relatos de monitores antigos e atuais.

Em linhas gerais, considero que o projeto tem alcançado seus propósitos no sentido de sensibilizar criticamente para a diferença, contribuindo para que as crianças percebam não só o Outro como diferente de si, mas também a si mesmas como diferentes de Outros, observando modos de vida, concepções e percepções como construções sociais que devem ser estranhadas, tendo em vista inclusive instituições como o racismo, sexismo e, de forma geral, a subjugação de uns por outros.

Um elemento que, a meu ver, pode ser aprimorado (e o delineamento mais recente do projeto aponta nesse sentido, como colocado na seção anterior), é a realização da oficina com um mesmo grupo de crianças durante, pelo menos, dois ou três encontros, para que possamos passar mais tempo com elas e, ao mesmo tempo, tratar das temáticas de forma um pouco mais detida.

No decorrer do tempo, ao identificarmos algumas questões que pareciam prejudicar o andamento das oficinas, fomos fazendo ajustes. Em certo momento,



por exemplo, alteramos a condução dos encontros, que era feita por toda a equipe ao mesmo tempo; ou, ainda, notamos a dificuldade de concentração das crianças em uma atividade que envolvia livros após a realização de brincadeiras. A partir disso, chegamos à proposta de trabalhar a partir dos seis eixos temáticos apresentados na seção anterior, cada facilitador/a lidando com um número menor de crianças (4 a 6, dependendo do número de crianças participantes), em encontros em que a proximidade e o diálogo estejam ainda mais presentes.

Em relação às percepções das crianças nas oficinas no decorrer do projeto, algumas discussões ou informações pareciam de fato impactá-las, seja pelos variados modos de se viver, seja por considerarem de certa forma surpreendente diversas ações humanas marcadas pela violência e associadas à injustiça social. Nesse sentido, é interessante notar que, ao responder à terceira das perguntas na avaliação mencionada acima (Você acha que algo poderia ser diferente (na oficina)?), muitas crianças levaram em conta não exatamente a oficina, mas sim temas e questões nela tratados, e que elas consideravam problemáticos: por exemplo, o desmatamento; padrões de beleza excludentes; preconceito em relação a negros e indígenas; falta de acesso à educação e moradia para muitos, etc. (MARTINS et al, s.d.). Em resposta à segunda pergunta (Algo, na oficina, te chamou mais atenção?), muitos também citaram esses temas. Abaixo, vemos algumas dessas conversas, no caso com crianças/adolescentes de 8 anos (a primeira), 14 anos (as duas seguintes) e 9 anos (a última):

Valéria: Teve alguma coisa que te chamou mais atenção, que te despertou, que te marcou?

Emily: Teve. É a parte de como tudo é subjugado. Que você tem que ser perfeito, você tem que ser bonito, que você tem que ser a princesinha ou o cavalheiro. Eu acho isso muito errado, e foi isso que me chamou muita atenção.

Pamela, ex-monitora: O que você acha que podia ser diferente?

Sara: Podia ser diferente, de respeitar as pessoas, melhorar as escolas, melhorar os estudos do pessoal, porque tem muita pessoa que tem dificuldade, que não tem escola para estudar... moradia de rua, que mora na rua... Melhorar muito a cidade!

Valéria: Teve alguma coisa que te chamou mais a atenção?

Humberto: A questão do desmatamento, né... o que eles estão fazendo com as florestas [em referência ao filme assistido *Para onde foram as andorinhas?*, direção Mari Corrêa].

Valéria: E tem alguma coisa que você acha que podia melhorar?

Humberto: Eles podiam pelo menos parar, assim, de queimar as coisas... e com as agressões, né?!



Valéria: Teve alguma coisa que te chamou mais a atenção, te despertou, marcou?

Paulo Gabriel: Sobre os negros e os índios...

Valéria: Você acha que alguma coisa podia melhorar, podia ser diferente?

Paulo Gabriel: Os índios podiam ter a liberdade deles que nem a gente tem a nossa liberdade de viver.

A referência ao racismo, a negros e indígenas aparece também em alguns desenhos, como um que estampa uma frase curta, mas enfática (Figura 1), e outro que traz Maria Firmina dos Reis (Figura 2), escritora e professora negra que chamou a atenção das crianças, e com a qual tomaram contato a partir do livro *Agbalá: um lugar continente*, de Marilda Castanha. O livro traz a frase de um dos personagens do seu romance *Úrsula* (REIS, 1859 apud CASTANHA, 2008): “A mente! Isso sim ninguém pode escravizar!”. E conta, entre outras coisas, que brancos eram carregados em liteiras por negros, complementando que, ao ter sido aprovada diante de apenas uma vaga em um concurso público para professora no estado do Maranhão, e de ter recebido a sugestão de entrar na cidade dessa forma, carregada em liteira, “como branco”, Maria Firmina recusou-se, afirmando que “Negro não é animal para se andar montado nele” (MARTINS et al, s.d., s.p.).

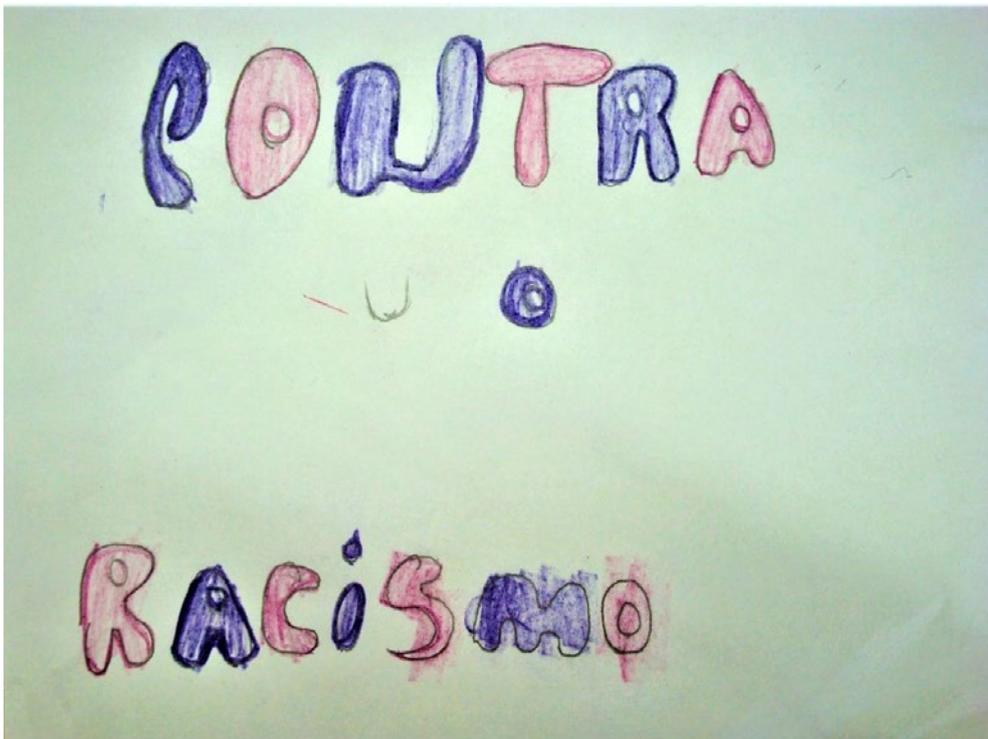


Figura 1 - Desenho/texto do qual infelizmente não temos o registro de autoria, como mencionado na terceira seção deste artigo. Fonte: acervo do projeto de extensão, 2014.



Figura 2 - Desenho de Maria Firmina a partir do livro *Agbalá. Um lugar continente*, de Marilda Castanha. Fonte: acervo do projeto de extensão, 2014.

Outras crianças ressaltaram outros temas, e ainda a possibilidade de conversar sobre assuntos específicos; ou mesmo o fato de querermos saber a opinião delas, como Brenno, a seguir, de 9 anos, e Larissa¹⁷, com 13:

¹⁷ Nome fictício para preservação da privacidade de nossa interlocutora.

A gente fica muito fazendo a mesma coisa. A oficina pra mim foi bom pra isso: a gente aprende coisas novas. [Valéria: E você acha que algo na oficina podia melhorar, ser diferente?] Pra mim não, já está bom assim. Você conversar com um aluno... igual você está fazendo comigo, falar “o que você entendeu?”

Valéria: O que você achou da oficina?

Larissa: Muito legal. Eu queria muito que voltasse a fazer, de preferência com a nossa sala.

Valéria: Porque agora foram várias turmas?

Larissa: É. Não, pode ser com a sala inteira que estava aqui mesmo. Só que com mais tempo para conversar.

Valéria: Teve alguma coisa que te chamou mais a atenção, te despertou, te marcou?

Larissa: Ah, acho que foi mais a conversa sobre a homofobia e também o machismo, né, que me marcou mais... porque eu sou muito ligada nessas coisas.

Valéria: E por que te marcou?

Larissa: Porque eu sofro muito esse negócio da homofobia e também do machismo. Na minha casa tem muito [ênfase] disso, e eu não gosto, eu sou totalmente contra... a maioria das coisas [...] E geralmente o amigo mais próximo que eu tenho para conversar ou é meu cachorro ou é meu caderno. Dessas coisas pelo menos.

Valéria: E você acha que alguma coisa podia melhorar, podia ser diferente?

Larissa: Nesse projeto? Não, eu gostei muito.

Valéria: Está bom, então tá. Você quer falar mais alguma coisa?

Larissa: Não... eu só queria fazer você prometer, já que você é a professora, que você vai vir de novo para a nossa sala...

Falas e desenhos de muitas crianças evocam também materiais com os quais havíamos trabalhado, como livros, fotografias, áudios, mencionando aspectos da vida cotidiana de coletivos diversos, como na fala abaixo de Evelin (8 anos) e nos desenhos/textos 3, 4, 5 e 6 a seguir.

Valéria: Evelin, e o que você achou do dia de hoje?

Evelin: Bom.

Valéria: Por quê?

Evelin: Porque a gente viu muitas coisas legais.

Valéria: Tipo o quê?

Evelin: O banho... A gente viu banho, viu como é que eles comem. A gente viu como é que eles... como é que é o Natal, o Carnaval [a partir do livro *Crianças do mundo*, de Adèle Ciboul].



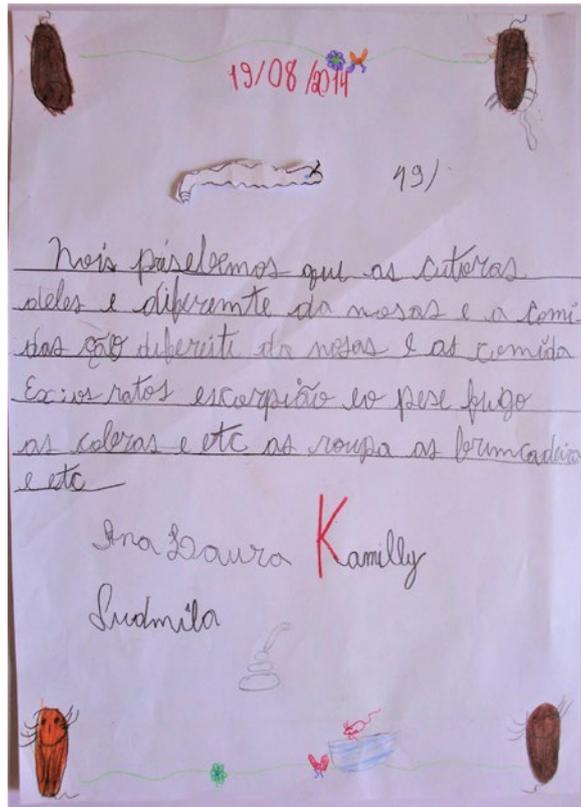


Figura 3 - Desenho/texto de Ana Laura, Kamilly e Ludmila a partir de percepções das relativas, entre outros, à alimentação. Fonte: acervo do projeto de extensão, 2014.

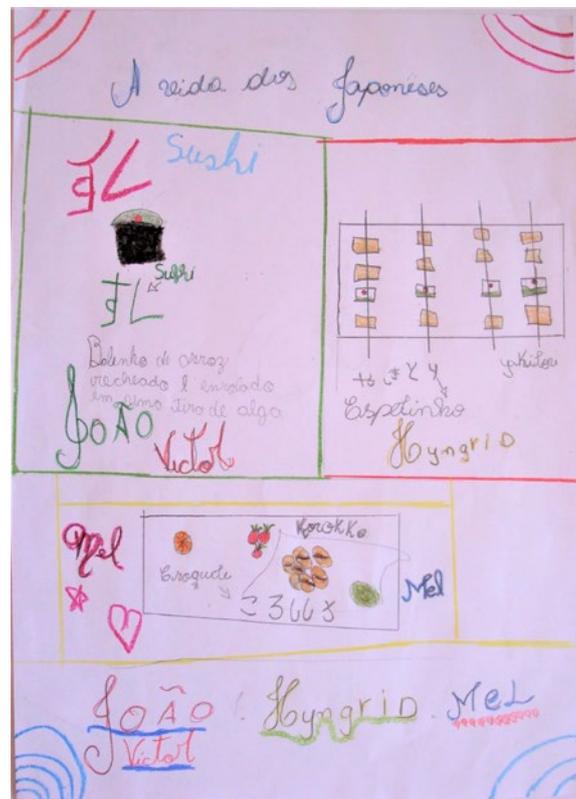


Figura 4 - Desenho de João Victor, Hyngrid e Mel inspirado no livro *Minhas imagens do Japão*, de Etsuko Watanabe. Fonte: acervo do projeto de extensão, 2014.

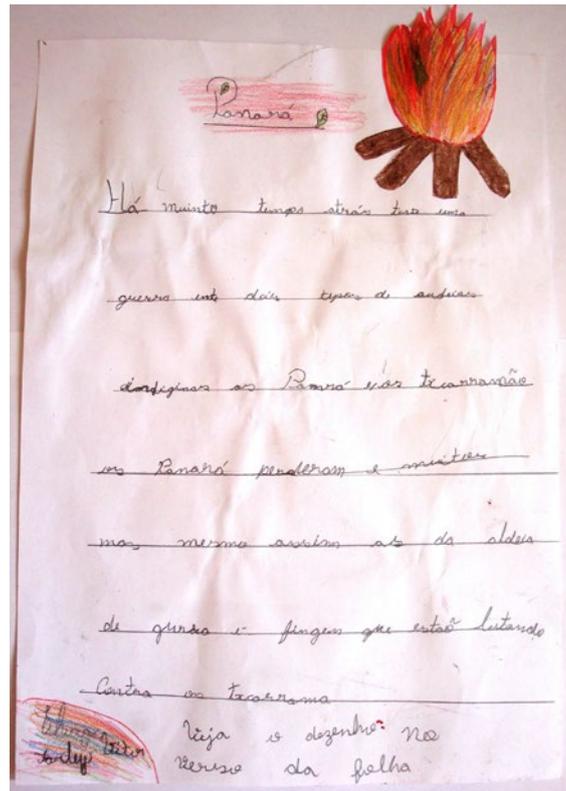


Figura 5 - Desenho/texto de Thiago, Vitor e Farley inspirado no livro *Depois do ovo, a guerra. Um dia na aldeia Panará*, adaptação de Ana Carvalho e ilustrações de Rita Carelli. Fonte: acervo do projeto de extensão, 2014.

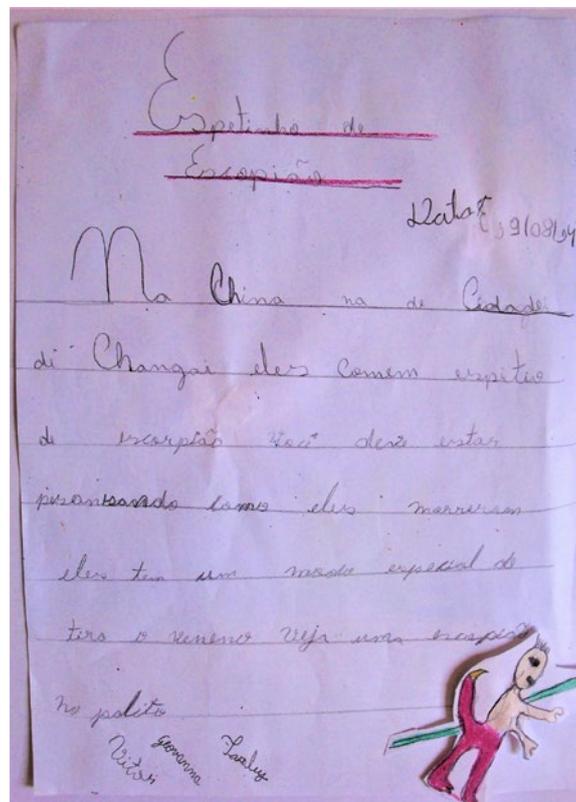


Figura 6 - Desenho/texto de Vitor, Geovanna e Farley sobre o “Espetinho de escorpião”, a partir de imagens fotográficas exibidas na oficina. Fonte: acervo do projeto de extensão, 2014.

Outro elemento importante a ser considerado em termos dos percursos que temos traçado até o momento refere-se à atuação de estudantes monitores, especialmente no que tange à sua formação docente em antropologia. Aqui compartilho algumas de suas colocações, nas quais ressaltam a formação fora das salas de aula universitárias, a delicadeza e o desafio dos encontros com as crianças, e a possibilidade de experimentar e pensar a própria escolha pela graduação, entre outros temas¹⁸.

Neste primeiro trecho, Maria Luíza Araújo e Júlia Furtado de Almeida tratam sucintamente de vários dos temas mencionados acima. Em seguida, apresento os demais trechos.

Todo o processo de organização das oficinas contou com inseguranças que eram sanadas ao longo do processo de execução e muitas vezes substituídas por outras quando nos deparamos com a prática. Sair da “bolha universitária” trazia uma sensação de medo mas também de novidade. Frequentar novos lugares, muitas vezes distantes do nosso trajeto cotidiano, gerava ansiedade, mas, ao mesmo tempo, proporcionava o estudo desses novos contextos. A realidade vivida pelas crianças neste contexto era desconhecida por nós até que realizássemos as atividades lá. Assim, por não conhecer o ambiente e não saber tão bem como lidar com os que o vivenciam, éramos desafiados a pensar em como conseguir nos comunicar melhor com as crianças.

O ex-monitor Luís Augusto Meinberg Garcia evoca também vários dos temas acima mencionados, ressaltando a questão da formação docente:

A experiência de monitoria, e também atuação na organização e planejamento do projeto Antropologia com crianças, foi muito importante para minha formação enquanto cientista social, principalmente no contato com a área de Antropologia e na docência.

A minha participação começou quando contei à professora e antropóloga Valéria, em meu terceiro período de graduação, que almejava experiências práticas que se articulassem com as teorias estudadas em nosso curso, buscando contato com as populações existentes na cidade e maior aprendizado e conhecimento na área. Em outras palavras, eu estudava os assuntos das Ciências Sociais, e tinha vontade de lidar com eles na prática para até mesmo me conhecer, se estava mesmo gostando do que estava estudando e se iria gostar da atuação.

E posso dizer que o projeto, o fazer do exercício antropológico e a experiência na docência me causaram a sensação de estar “vivo”, sendo um momento de ver sentido e gostar daquilo que me propunha a fazer.

Me envolvi com as reuniões em grupo para planejar as oficinas, atividades, assuntos a serem abordados, metodologias, cronogramas, etc. como

¹⁸ Apenas uma das estudantes monitoras não pôde registrar suas colocações devido a problemas de saúde em âmbito familiar.



demanda o planejamento docente. Esse processo me ajudou a entender como funcionam as ações antes de uma aula/oficina acontecer e também me deu a experiência de que é a partir do contato com os estudantes/crianças que podemos avaliar seu desenvolvimento e se necessário, ajustá-lo. [...] Aprendi muito com a relação de troca ativa com as crianças e que o processo de ensino-aprendizagem é muito mais favorável dessa maneira.

Júlia Furtado de Almeida, já graduada, enfatizou os desafios e possibilidades do trabalho com as crianças por meio da antropologia:

Conhecer crianças que experenciam outros contextos e aprender a compreender suas formas de expressão foi algo novo, que seria muito difícil de acessar estando dentro das salas universitárias. Estar presente em novos ambientes me fez perceber o quão complexas são as realidades quando estamos diante delas.

A função de monitora foi muito desafiadora para mim. Eu nunca havia feito nada parecido, foi como iniciar um estágio. Temia não conseguir transmitir informações de forma que as crianças entendessem. Afinal, nos acostumamos a conversar com adultos e a validar apenas os seus conhecimentos. Muitas vezes em nossa sociedade, a concepção de mundo das crianças tende a ser invalidada. A ausência de convívio com as crianças pode levar a estas dúvidas: Elas entendem o que eu falo? Eu entendo o que elas querem dizer? Será que conseguirei ensinar algo a elas? O que eu tenho a aprender?

Estas perguntas eram freqüentes. Não serão por mim respondidas, pois a cada oficina elas se reformulavam. Tudo se tornou mais desafiador quando comecei a perceber que as crianças não se comportam conforme uma norma estabelecida, principalmente quando se trata de um curso que extrapola sua rotina cotidiana, ou seja, que não faz parte dela. O que eu aprendi é que não era possível controlar o ambiente o tempo todo e esperar que as crianças se comportassem “como adultos”. Afinal, o aprendizado que tinha com elas vinha justamente de me surpreender com seus comportamentos e falas.

Também graduada, Maria Luiza Araújo traz colocações que reverberam as de Júlia, ao mesmo tempo em que descreve um pouco do processo de constante revisão e busca de aprimoramento:

Enxerguei no projeto de extensão uma oportunidade de aprender a traduzir as questões antropológicas para crianças e também uma oportunidade de conhecer um pouquinho de como essas crianças estão vendo o mundo e as questões sociais à sua volta.

O projeto me trouxe grandes experiências e reflexões. Nas primeiras oficinas, especialmente na segunda saí da escola um pouco frustrada, com um sentimento de que não estava conseguindo colocar em prática as ideias pensadas e elaboradas nas reuniões. Mas ao longo dos meses as tentativas e as reelaborações das atividades me permitiram ver como o projeto é importante e necessário para as crianças que participam, incentivando e ensinando a construção de um olhar crítico sobre o mundo ao mesmo tempo que coloca aquelas crianças em contato com questões culturais diferentes do seu cotidiano.



A ex-monitora Pamela Caetano destaca a dimensão da pesquisa no processo de realização do projeto e também a formação docente:

O projeto foi, durante minha graduação, um dos maiores espaços de pesquisa e de pesquisadora que eu presenciei. Fiz pesquisa na prática e cada momento no projeto alterava a forma como eu levava a vida, a graduação e como entendia o mundo na perspectiva de uma cientista social. A graduação em Ciências Sociais tem uma grande carga de leitura e uma perspectiva, para alguns, de que essa carga de leitura nos prepara para encarar algo futuramente. O que de fato pode acontecer, porém, estar no projeto me mostrou como a leitura e a pesquisa têm uma dinâmica não hierárquica, não linear, e caminham juntas intercalando os espaços, me mostrando que não é preciso esperar algo futuramente para alocar a leitura.

Fomos e voltamos com decisões algumas vezes, nos apoiamos, conversamos muito sobre nossa vontade de aprender e de pesquisar o tema, trocamos relatos pessoais orais e transcritos, dividimos medos, angústias, felicidades que estavam ligados à subjetividade de cada um enquanto pesquisador, e com isso crescemos enquanto pessoas, pesquisadores e amigos. [...] Um dos meus retornos com essas metodologias foi poder pensar e talvez presenciar o ensino horizontal, onde tivemos formas de diálogo, espaço de conversa, e abertura do tema para o contexto social e a subjetividade de cada participante, o que por mais dinâmico que seja acaba não sendo utilizado na docência. Viver as metodologias e me encontrar nelas me sustenta tanto em conteúdo quanto em estima para continuar apaixonada na docência.

Amanda Ramos, ex-monitora, também ressalta a questão das metodologias acionadas:

Com o projeto, pude experimentar outras formas de trocar conhecimento dos quais aprendi com a licenciatura. Como foi algo novo o fazer 'antropologia com' enquanto monitora, essa experimentação abriu novos caminhos tanto para repensar o ensino quanto a pesquisa na parte metodológica. Como foi uma prática de ensino não convencional, e muito bem sucedida, o projeto amplia suas referências com novas formas de abordar o conhecimento, seja em oficinas ou até mesmo em sala de aula. [...] Hoje sabemos que o ensino tradicional está fadado ao fracasso, então o projeto pode ajudar no sentido de planejar aulas diferentes, que estimulem a pensar mas também sentir, visto que explora outros sentidos do corpo que vão além da audição, ele também explora o visual, o toque. Então o projeto permitiu ampliar o meu leque de ideias e colocou em prática o que eu defendo na teoria: levar um ensino que visa à participação dos alunos, suas preferências e suas formas de aprender.

Por fim, Vitória Brasileira, estudante de Artes Visuais que recentemente iniciou o trabalho de monitoria:

Os estudos e conversas no projeto são um exercício coletivo que resultam em um repertório de vastas referências para nossa formação enquanto



futuras educadoras e pesquisadoras. Ao entrar no projeto minha vontade era compreender e explorar melhor a ideia da prática da antropologia na sala de aula e agora posso afirmar que todas as reflexões expandiram meu olhar para o universo que compõe as questões relacionadas a crianças, cultura e educação.

Ouvir as histórias sobre a recepção do projeto em anos anteriores por crianças e educadores, sobre o desenvolvimento das atividades e ver os registros captados de momentos desse trabalho exala inspiração e esperança para quem acredita e luta por espaços escolares repletos de saberes diversos e que prezam por uma educação que valorize a pluralidade cultural.

Certamente é possível, tendo em vista uma experiência de ensino-aprendizagem, aprimorar cada vez mais suas proposições teóricas, metodológicas e didático-pedagógicas. E é preciso estar atenta ao processo e aos percursos que vão sendo traçados para que esses ajustes possam se dar. De nossa parte, é isso o que temos buscado: educar também nossa atenção e nossos sentidos para que assim sejamos capazes de seguir nessa grande “Amarelinha”, manejando rumos, com astúcia, alegria e liberdade na construção de conhecimentos diversos.

HORIZONTES-META TRANSFORMADOS: COM QUEM MAIS, E ONDE, BRINCAREMOS?

As oficinas do projeto de extensão estão atualmente suspensas devido à pandemia de Covid-19. Mas mesmo antes de se iniciar esse período tão singular, eu já vinha refletindo sobre o processo de realização das oficinas, com o desejo de atuar com educadores – o que já havia norteado parte do projeto aprovado na Lei Municipal de Cultura para realização em 2015, como mencionei no início do texto.

O que mais tem estimulado a realização de um trabalho de formação em antropologia com educadores que atuam com crianças (em instituições públicas, seja no ensino formal ou informal) é o fato de, por meio dessa formação, contribuir para que as ideias, discussões e temáticas propostas pelo projeto de ensino-aprendizagem em antropologia com crianças possam chegar a um número bem maior delas e, ao mesmo tempo, ter sua abordagem aprofundada. O convívio dos educadores com as variadas – e muitas – crianças com quem trabalham é comumente diário, em geral de longa duração, e assim pode tornar possível um trabalho mais detido e ao mesmo tempo amplo.



Com isso, também buscamos estabelecer trocas mais estreitas e contribuir com a formação dos próprios educadores no que tange a noções, discussões e temáticas caras à antropologia. Ou seja, é um modo de ampliar os interlocutores do projeto – para além das crianças e estudantes de Ciências Sociais em formação docente –, e estender a formação em antropologia também aos educadores de instituições públicas na cidade.

Com as novas monitoras do projeto, que iniciaram o trabalho em agosto de 2020¹⁹, planejamos um encontro de formação com educadores que, a princípio, está previsto para o segundo semestre deste ano. A ideia é que nesse encontro de formação, tomemos como referência os seis eixos apresentados aqui, além de abordar, mesmo sucintamente, questões relativas à história da antropologia, à pesquisa antropológica e ao trabalho etnográfico a partir de quatro encontros semanais de duas horas de duração. Após essa atividade, pretendemos realizar encontros de formação com educadores a cada ano.

Também precisaremos aguardar os desdobramentos da pandemia para efetivarmos a retomada das oficinas diretamente com as crianças.

Outra frente de atuação desenvolvida no projeto a partir de agora é relativa a materiais voltados ao público infantil com temáticas de caráter antropológico, que possam ser utilizados em processos de ensino-aprendizagem em antropologia com crianças: produção, reunião e difusão de materiais didáticos disponíveis. Começamos de trás para frente: apesar de haver uma série de livros, filmes, projetos de fotografia, música e desenhos com esse caráter – como os apresentados neste relato de experiência –, eles estão dispersos, e muitas vezes não é fácil, para alguém não familiarizado com a área de antropologia, acessá-los. Assim, está em construção um sítio eletrônico, no qual estarão reunidos e disponíveis os materiais que utilizamos no projeto de extensão, e ainda outros voltados às crianças, com temáticas de caráter antropológico.

No que tange à produção de material, estou em processo de escrita de um

¹⁹ Devido à situação atípica, e como não temos previsão por enquanto de realizarmos oficinas presenciais junto às crianças, preferi trabalhar com um número menor de monitoras – duas, e não cinco, como o projeto tinha anteriormente – a partir de um processo seletivo aberto em julho, quando já foi possível perceber que não havia previsão para a retomada da vida tal como a conhecíamos antes.



livro infantil centrado na discussão sobre diversidades. A história se dá em torno de onze diferentes personagens, de nome Maria, cada qual com suas peculiaridades e singularidades, o que não as impede – pelo contrário, instiga – a se relacionar e conhecer mutuamente.

Com essas ações, a ideia é incentivar e, ao mesmo tempo, contribuir para o desenvolvimento de processos de ensino-aprendizagem em antropologia com crianças, nos mais diferentes espaços e locais – cidades, estados e regiões do país –, para além dos encontros que temos tido a oportunidade de realizar ao longo dos últimos anos²⁰. Pois, ao relembrar meus primeiros anseios em relação aos encontros com as crianças por meio da antropologia, penso que se faz cada vez mais necessário (re)conhecer o Outro, e a si mesmo, buscando, quem sabe, contribuir para o delineamento de mundos onde caibam todas/os e cada um/a, com suas singularidades e diferenças. Que possamos, então, traçar, nos inúmeros espaços que sustentam os nossos pés, múltiplos desenhos de Amarelinhas, conforme a pluralidade de céus e terras que povoam nossos vastos mundos.

²⁰ Nesse sentido, cabe informar que o sítio eletrônico mencionado já está disponível e pode ser acessado pelo endereço: <https://poeticasdaterra.org/projetos/antropologia-com-criancas/>. O livro *As Marias na roda-vida gigante* já está em processo de finalização. Em relação ao encontro com educadores infantis, com a extensão da pandemia, estamos aguardando um momento mais seguro em termos sanitários, já que o objetivo é realizá-lo de forma presencial.



REFERÊNCIAS

- BISPO DOS SANTOS, Antônio. **Colonização, quilombos**. Modos e significações. Brasília: INCTI, 2015. 150 p.
- CARVALHO, Ana. **Depois do ovo, a guerra. Um dia na aldeia Panará**. [Adaptação a partir do filme de Komoi Panará]. São Paulo: Cosac Naify, 2014. 48p. (Coleção Um dia na aldeia.)
- CASTANHA, Marilda. **Agbalá. Um lugar continente**. São Paulo: Cosac Naify, 2008. 48p.
- CIBOUL, Adèle. **Crianças do mundo**. Trad. Maria Luiza Silveira. São Paulo: Moderna, 2007. 26p.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 59 p.
- Encomendadeiras de Correntina**. A arte no canto de encomendar as almas. Instituto do Trópico Subúmido – Fundação Aroeira. Sociedade Goiana de Cultura - Universidade Católica de Goiás. Coleção Sons do Cerrado, v. 3, 2000.
- FIANS, Guilherme. **Entre crianças, personagens e monstros: uma etnografia de brincadeiras infantis**. Rio de Janeiro: Ponteio Edições, 2015. 184 p.
- GAMA, Fabiene; FLEISCHER, Soraya. Na cozinha da pesquisa. **Cadernos de Arte e Antropologia**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 109-127, out. 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cadernosaa/1145?file=1>. Acesso em: 3 out. 2020.
- GAMA, Pedro Ferraz; KUSCHNIR, Karina. Contribuições do desenho para a pesquisa antropológica. **Revista do CFCH**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, p. 1-5, ago. 2014. Disponível em: <http://revista.cfch.ufrj.br/images/edicao-jic2013/gama-pedro.pdf>. Acesso em: 23 set. 2020.
- GROSSI, Miriam; TASSINARI, Antonella; RIAL, Carmen (Org.). **Ensino de Antropologia no Brasil: Formação, práticas disciplinares e além-fronteiras**. Blumenau: Nova Letra, 2006.
- HARTMANN, Luciana. Onça, veado, Maria: literatura infantil e performance em uma pesquisa sobre diversidade cultural em sala de aula. **Educ. rev.** [online], Curitiba, v. 34, n. 67, p. 71-86, jan./fev. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/56114/34790>. Acesso em: 25 out. 2020.
- HARGMANN, Luciana. Desafios da diversidade em sala de aula: um estudo sobre performances narrativas de crianças imigrantes. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 37, n. 101, p. 45-64, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/vG9dksbMq-5TWfFBQmdQbzJx/?lang=pt>. Acesso em: 17 set. 2020.
- INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/6777/4943>. Acesso em: 16 out. 2020.
- LEAL, Natacha; SANABRIA, Guillermo; CARIAGA, Diógenes. Dossiê Novas universidades, novos campi, novas antropologias: docências, alteridades e expansão do Ensino Superior no Brasil. **Anuário Antropológico**, Brasília, v. 46, n. 1, jan./abr. 2021. Dispo-



nível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/issue/view/2179>. Acesso em: 7 jan. 2021.

MARTINS, Valéria de Paula; RAMOS, Amanda; ALMEIDA, Júlia; GARCIA, Luís Augusto; ARAÚJO, Maria Luiza; CAETANO, Pamela. **Oficinas de antropologia com crianças: notas sobre uma experiência**. [s.d.] [s.l.]. (Sob análise).

OLIVEIRA, Amurabi; BRUM, Ceres (Org.). Dossiê Ensino de Antropologia. **Revista Café com Sociologia**, Maceió, v. 4, n. 2, mai./jul. 2015. Disponível em: <http://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/issue/view/12>. Acesso em: 14 nov. 2020.

Para onde foram as andorinhas? Direção de: Mari Corrêa. Instituto Catitu e Instituto Socioambiental, 2015. (22 min).

PEIRANO, Mariza. Um ponto de vista sobre o ensino da antropologia. In: GROSSI, Miriam; TASSINARI, Antonella; RIAL, Carmen (Org.). **Ensino de Antropologia no Brasil: Formação, práticas disciplinares e além-fronteiras**. Blumenau: Nova Letra, 2006.

PIRES, Flávia. **Quem tem medo de mal-assombro?** Religião e Infância no semi-árido nordestino. 2007. 284f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

REGITANO, Aline de Paula; TOREN, Christina. Como nos tornamos quem somos. Entrevista com Christina Toren. **Proa - Revista de antropologia e arte**, Campinas, v. 1, n. 9, p. 295-304, jul. 2019. Disponível em: <https://www3.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/article/view/3593>. Acesso em: 25 out. 2020.

TAVARES, Fátima; GUEDES, Simoni Lahud; CAROSO, Carlos. **Experiências de ensino e prática em Antropologia no Brasil**. Brasília, Ícone Gráfica e Editora, 2010.

TOREN, Christina. **Making Sense of Hierarchy: Cognition as Social Process in Fiji**. London School of Economics Monographs in Social Anthropology. London: The Athlone Press, 1990.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-148, abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/Zcqxxhqh-Zk9936mxW5GRrhq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 out. 2020.

WATANABE, Etsuko. **Minhas imagens do Japão**. São Paulo: Cosac Naify, 2008. 36 p.

Recebido em: 13/08/2021

Aceito para publicação em: 09/12/2021

